

Estudantes de pós-graduação no Brasil: distribuição por sexo e cor/raça a partir dos censos demográficos 2000 e 2010.

Amélia Cristina Abreu **Artes** (FCC)

1. Apresentação

Este trabalho apresenta e discute a caracterização étnico-racial e de gênero de estudantes de pós-graduação no Brasil, a partir de informações levantadas nos Censos Demográficos de 2000 e 2010, disponibilizados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Outras bases de informações quantitativas sobre a pós-graduação, como as originárias da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), não estão disponíveis para um acesso público e direto em seus respectivos sites. Os Censos do Ensino Superior, organizados pelo MEC/INEP, não apresentam informações específicas para a pós-graduação, apenas para os cursos, matrículas e docentes que atuam na graduação. Por essas limitações, as análises apresentadas nesse trabalho, originam-se dos censos demográficos, que pela disponibilização das bases em microdados permite, a partir do cruzamento de vários quesitos, a caracterização de estudantes na pós-graduação brasileira para o conjunto de variáveis de interesse.

As assimetrias por sexo e/ou cor/raça na educação brasileira têm sido objeto de reflexão em diferentes textos (HASENBALG, 1979; VALLE e HASEMBALG, 2000; HENRIQUES, 2001; ROSEMBERG e MADSEN, 2011; BELTRÃO e TEIXEIRA, 2004; PAIXÃO, 2010, entre outros). O objetivo desta pesquisa é descrever essas diferenças em um universo, até então, pouco explorado, a pós-graduação no Brasil: como homens e mulheres, brancos e negros¹ se distribuem nesse seletivo e privilegiado espaço?

Nos questionários dos Censos Demográficos a pergunta sobre a variável sexo é a mesma desde a primeira aplicação, em 1872. Já a pergunta sobre cor/raça, também, é feita desde o primeiro levantamento, exceção aos censos de 1900 a 1940 e, mais recentemente, 1970. Segundo Marcelo Paixão (2009), a última mudança significativa no quesito ocorreu em 1991, com a inclusão da categoria indígena nas opções de resposta e

¹ Somatória dos valores encontrados para pretos e pardos. Como os indicadores sociais, descritos na literatura, aproximam os valores encontrados para pretos e pardos, o uso do termo negro facilita e agiliza as análises apresentadas.

a mudança na estrutura da pergunta. Assim, a partir então, e até o último censo aplicado em 2010, a pergunta é: *A sua cor ou raça é:* para as respostas: *branca, preta, parda, amarela ou indígena.*

A apresentação das informações de estudantes de pós-graduação, por sexo e/ou cor raça, a partir dos dois últimos censos demográficos (2000 e 2010) permite que se captem mudanças que ocorreram no ensino superior brasileiro neste intervalo. Por um lado, observa-se não só a ampliação do acesso aos cursos de graduação no ensino superior para a população geral, mas, em especial, as mudanças no perfil dos estudantes nos aspectos de pertencimento racial e origem social, entre outras. Estas mudanças devem ser avaliadas no contexto das políticas de ação afirmativa, que de forma mais intensa, a partir do ano de 2005, foram adotadas por governos, no gerenciamento de suas políticas para o ensino superior. Com o maior acesso aos cursos de graduação, a etapa subsequente é o ingresso na pós-graduação. Assim, com a análise de dados no período de 10 anos, é possível observar, não só as mudanças já ocorridas para a graduação, mas também as potenciais alterações previstas, nos próximos anos, para os cursos de pós-graduação.

2. Acesso ao ensino superior: a formação de possíveis candidatos à pós-graduação.

Para melhor entender o perfil de estudantes de pós-graduação se faz necessária uma descrição, mesmo que sucinta, das mudanças observadas em relação à ampliação de acesso à graduação e a consequente mudança no perfil do público atendido nas últimas décadas.

Duas produções podem ser utilizadas na construção desse quadro: o “Relatório Anual de Desigualdades Raciais no Brasil 2009-2010”, organizado por Marcelo Paixão e produzido no Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais (LAESER); e o artigo de Rosenberg e Madsen, publicado em 2011, na coletânea *O Progresso das mulheres no Brasil 2003 – 2010*, organizada pela ONU Mulheres.

Segundo Paixão (2011), o acesso de pretos e pardos ao ensino superior triplicou entre 1995 a 2006, porém, em 2006 os pretos e pardos, na faixa etária dos 18 a 24 anos, representavam apenas 6% dos jovens nesse nível de escolarização.

Ainda, segundo o autor:

Em 2008, a probabilidade de um jovem branco entre 18 a 24 anos freqüentar uma instituição de ensino superior era 98,7% superior à probabilidade de uma jovem preta ou parda do mesmo

agrupamento etário se encontrar na mesma condição. Naquele ano, a probabilidade de uma jovem branca entre 18 a 24 anos freqüentar uma instituição de ensino superior era 263,5% superior à de um jovem preto ou pardo do mesmo intervalo de idade. (PAIXÃO, 2010, p. 230).

Resultado similar é apresentado por Rosemberg e Madsen (2011). Analisando dados das PNADs 2003 e 2009 as autoras afirmam:

Branco e brancas que representavam 73,8% dos (as) estudantes universitários em 2003, passaram a representar 42,3% em 2009; negras e negros que representavam 25,1% em 2003, passaram a representar 35,1% em 2009. Os percentuais de variação (crescimento), no período indicam índices superiores entre os homens negros (95,6% de variação), seguidos das mulheres negras (94,9% de variação). Por outro lado, homens brancos, mas principalmente mulheres brancas, apresentaram os menores índices de crescimento: 22,8% e 19,5% respectivamente. (ROSEMBERG e MADSEN, 2011, p. 424)

Porém, apesar do aumento das taxas de participação, a desigualdade entre brancos e negros, ainda é muito grande, principalmente ao se considerar que dados do último Censo Demográfico (2010) indicam que a distribuição por cor/raça na população geral, considerando brancos e negros, está próxima da equivalência, com uma presença um pouco maior de negros.

Nos últimos 10 anos, políticas de ação afirmativa têm sido adotadas por governos (tanto na esfera federal como estaduais) e entidades civis no Brasil com vistas a diminuir as diferenças sociais entre brancos, negros e indígenas. Essas medidas são fruto de pressões sociais iniciadas nos anos 1990 e fortalecidas na última década. Na área da educação, o acesso ao ensino superior por meio de cotas e bônus tem sido adotado em instituições públicas em diferentes regiões². Nas instituições privadas, o PROUNI (Programa Universidade para Todos) privilegia também o atendimento desses grupos “historicamente minoritários”.

Segundo João Feres Jr (2011), os programas de ação afirmativa, ao final da década de 2010, já estavam presentes em grande parte das instituições públicas de ensino superior. No território brasileiro, 71% das universidades públicas apresentavam alguma modalidade de cotas para alunos de escolas públicas (87%) ou raciais (57%). Em nenhuma instituição analisada pelo autor o pertencimento racial era o critério único de aceite, estando, quando presente, associado à menor renda. Em uma das análises desenvolvidas, o autor relaciona a adoção de políticas de ação afirmativa a qualidade de

² Ver: MOECHLECKE (2002); SILVÉRIO (2002); ROSEMBERG (2004); MANCEBO, JR SILVA e OLIVEIRA, 2008; SILVA, SILVA e ROSA 2009; FERREZ JR. (2011)).

ensino, medido pelo IGC 2008 (Índice Geral dos Cursos da Instituição³): “Esse cálculo é revelador [...] percebemos que o percentual de vagas reservadas para a ação afirmativa decresce à medida que o conceito da universidade sobe”. (FERES JR, 2011, p. 16).

3. Estudantes na pós-graduação: informações publicadas por sexo e cor/raça

A expansão da pós-graduação no Brasil, nas últimas décadas, vem sendo analisada e apontada por vários autores (RAMOS e VELHO, 2001; MELO, MARQUES E LASTRES, 2004; CGEE, 2010; PACHECO, 2010). Na coletânea *Reformas e políticas; educação superior e pós-graduação no Brasil*, Mancebo, Silvia Jr o Oliveira (2008) focalizam de diferentes ângulos esta ampliação:

Uma flagrante expansão da pós-graduação, sob qualquer aspecto observado: número de programas, montante de matrículas e de titulados, número de professores atuando na pós-graduação, volume de produção intelectual e técnica, de *paper* etc. Em contrapartida, todo esse crescimento tem ocorrido em flagrante descompasso (proporcional) com os decrescentes índices anuais de financiamento às instituições que ministram esses cursos e à própria CAPES, o que se tem traduzido em deterioração das condições de trabalho e produção, em redução (proporcional) do número e valor das bolsas, e em redução gradativa dos tempos médios de titulação (MANCEBO, SILVIA JR e OLIVEIRA, 2008, p 15)

Tanto o Plano Nacional de Pós-Graduação de 2005-2010, como o de 2011-2020, apresentam um panorama geral do crescimento da pós-graduação no Brasil. O último PNPG, indica que em 2009, estavam em atividade 2.719 programas oferecendo 4.101 cursos, 34,7% deles em nível de doutorado e 65,3% de mestrado (inclusive profissional). O volume de professores e pós-graduados também é apresentado: 57.270 docentes e 161.117 estudantes, dentre esses, 35,9% no doutorado.

O PNPG 2011-2020 não apresentou, porém, informações desagregadas por sexo e cor/raça referente aos docentes ou discentes na pós-graduação. Nas bases de dados da Capes e CNPq, principais instituições de fomento a pesquisa no Brasil, são encontradas algumas informações desagregadas por sexo, mas não para a variável cor/raça.

As informações originadas nas bases de dados da Capes e CNPq, desagregadas por sexo, permitem a análise de dois aspectos da pós-graduação brasileira: a distribuição dos discentes por grandes áreas de conhecimento e por modalidades de bolsas concedidas.

³ IGP (Índice Geral dos Cursos da Instituição) que considera o desempenho dos estudantes no Enade (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes), bem como a avaliação do perfil do corpo docente, a infraestrutura e a organização didático-pedagógica da instituição durante um triênio.

O segundo aspecto é apresentado em estudo desenvolvido por Melo, Lastres e Marques (2004), a partir das bases de informações da Capes/CNPq de bolsas concedidas por modalidades (de iniciação científica a bolsas de produtividade) na década de 1990 (entre os anos de 1990 e 1999). O financiamento, através de bolsas concedidas aos estudantes no ensino superior é uma das condições privilegiadas para o auxílio a projetos de formação e pesquisa com vistas ao desenvolvimento da Ciência e Tecnologia no país. A análise através da variável sexo, permite em uma escala gradual, que parte das bolsas de iniciação científica (primeira etapa a ser desenvolvida na graduação), até as bolsas de pós-graduação e produtividade (etapa mais elevada de auxílio) a verificação das diferenças na distribuição de auxílios financeiros para pesquisadores brasileiros. A partir das informações apresentadas pelas autoras é possível concluir que houve um aumento de 20% no total de bolsas concedidas, sendo observada uma variação de 8,5% para os homens e 37,8% para as mulheres. A modalidade com maior crescimento é a de doutorado do país, com uma variação positiva de 156,9% (172,1% para as mulheres e 54,1% para os homens). Apesar de uma variação maior para as mulheres em todas as categorias, são os homens os que mais receberam, em número de concessões, bolsas de pós-graduação.

Resultado diferente é descritos por Rosemberg e Madsen (2011), para o período de 2003 a 2009: a variação no número de bolsas ofertadas para as mulheres foi de 49,7% e para os homens, 40,4%; sendo que em 2009, as mulheres receberam um número maior de bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado do que os homens.

Uma série histórica elaborada por Paixão (2010), a partir do número de discentes na pós-graduação no período de 1988 a 2008 por cor/raça, a partir de dados originados das PNADs, permite analisar o aumento proporcional de negros no total de discentes em relação aos brancos. Segundo o autor, em 1988 os pretos & pardos⁴ representavam 7,0% no total de estudantes, valor que alcança 19,9% em 2008. Enquanto o crescimento geral no número de estudantes foi de 553%, para os brancos foi de 486,7% e para os pretos & pardos de 1.749,5%.

Rosemberg e Madsen (2011), em estudo já citado, apresentam também informações desagregadas para quatro grupos, associando o quesito sexo e cor/raça: homens brancos, mulheres brancas, homens negros e mulheres negras para o período de

⁴ Manteve-se a nomenclatura utilizada pelo autor

2003 a 2009, a partir da mesma fonte de dados. Os resultados encontrados, considerando que o intervalo analisado é bem menor do que o descrito por Paixão (2010) enriquece a análise ao conjugar informações dos dois quesitos: sexo e cor/raça. Segundo as autoras, em 2009 as mulheres brancas representavam 45,1% dos estudantes na pós-graduação, seguidos de homens brancos com 31,3% de participação, sendo 12,5% para mulheres negras e 9,4% para homens negros. As taxas de crescimento para o período foram de: 30,9% para homens negros, 23,2% para mulheres negras, 5,2% para mulheres brancas e uma taxa negativa em 3,4% para homens brancos.

Na comparação com os dados apresentados por Paixão (2010), a tendência é a mesma: apesar de um crescimento representativo, os negros ainda estão muito aquém dos brancos no acesso a pós-graduação.

4. Análises a partir dos Censos Demográficos 2000 e 2010

Serão apresentados a seguir alguns resultados obtidos na análise dos microdados do Censo Demográfico 2010 e um comparativo com o de 2000, para os estudantes de pós-graduação. Além das informações gerais para as variáveis selecionadas (quadro 1) são apresentados resultados para quatro grupos: homens brancos, homens negros, mulheres brancas e mulheres negras, além de um indicador de taxa de frequência, considerando a faixa etária de 18 a 34 anos.

4.1. Comparativo Censo 2000 e 2010

O quadro 1 apresenta informações detalhadas do perfil dos estudantes de pós-graduação nos Censos de 2000 e 2010. Apesar de o Censo 2010, na variável V0629 (Curso que frequenta), apresentar as informações separadas para superior de graduação, mestrado ou doutorado, os dados dos estudantes na pós-graduação foram analisados conjuntamente para permitir a comparação com os dados do Censo 2000, em que as opções foram: superior - graduação, mestrado ou doutorado.

Quadro 1: Perfil dos estudantes de pós-graduação entre os censo demográficos 2000 e 2010 por variáveis selecionadas.

Variáveis	Frequência à pós-graduação					Geral na população		
	2000		2.010		Variação %	2000	2010	Variação %
Sexo	N	%	N	%				
Homem	78.015	48,0	118.793	46,5	52,3	83.602.317	93.406.634	11,7
Mulher	84.496	52,0	136.441	53,5	61,5	86.270.527	97.348.530	12,8
Total	162.511	100,0	255.234	100,0	57,1	169.872.844	190.755.164	12,3
Cor/raça								
Branca	137.003	84,3	186.918	73,2	36,4	91.298.042	90.621.075	-0,7
Preta	3.780	2,3	11.066	4,3	192,8	10.554.325	14.351.135	36,0
Amarela	2.838	1,7	4.319	1,7	52,2	761.583	2.105.353	176,4
Parda	17.787	10,9	52.480	20,5	195,0	65.318.092	82.820.049	26,8
Indígena	319	0,2	452	0,2	41,7	734.127	821.501	11,9
Ignorado	785	0,4	0			1.206.675	36.051	**
Negros*	21.567	13,3	63.546	24,8	194,6	75.872.417	97.171.184	28,1
Total	162.512	100,0	255.235	100,0	57,1	169.872.844	190.755.164	12,3
Regiões								
Norte	4.257	2,6	11.298	4,4	165,4	12.911.170	15.864.254	22,9
Nordeste	19.045	11,7	39.709	15,5	108,5	47.782.487	53.081.740	11,1
Sudeste	95.568	58,8	139.326	54,5	45,8	72.430.193	80.364.312	11,0
Sul	32.443	19,9	42.966	16,8	32,4	25.110.348	27.386.891	9,1
Centro-oeste	11.198	6,9	21.936	8,6	95,9	11.638.646	14.057.968	20,8
Total	162.511	100,0	255.235	100,0	57,1	169.872.844	190.755.165	12,3
Faixa de idade								
18 a 24 anos	16.678	10,2	36.273	14,2	117,5	23.365.185	23.873.730	2,2
25 a 34 anos	73.076	45,0	115.140	45,1	57,6	26.876.600	32.847.443	22,2
35 a 44 anos	49.546	30,5	56.524	22,1	14,1	22.808.067	26.896.573	17,9
45 a 59 anos	21.570	13,3	39.697	15,5	84,0	21.240.784	30.253.325	42,4
60 anos e mais	1.641	1,0	7.598	3,0	363,0	14.538.988	20.588.839	41,6
Outras faixas (0 a 17 anos)	0		0			61.043.219	56.295.253	-7,7
Total	162.511	100,0	255.233	100,0	57,1	169.872.843	190.755.163	12,3

Fonte: Microdados Censo Demográfico 2000 e 2010 – IBGE.

*negros; soma de pretos e pardos.

** valor não calculado

A comparação dos resultados com o *geral na população* permite avaliar se as alterações nos grupos devem-se a fatores demográficos ou são resultado mudanças no perfil dos

alunos. Enquanto a população brasileira cresceu 12,3%, o número de alunos na pós-graduação apresentou um aumento de 57,1%.

As mulheres, que já eram maioria em 2000 nos cursos de pós-graduação ampliaram um pouco a vantagem: enquanto o crescimento da participação de alunos do sexo masculino no período foi da ordem de 52,3%, para os do sexo feminino o índice chega a 61,5%.

No quesito cor/raça, a diminuição dos que se autodeclararam brancos na população é compensada pela ampliação dos que se declararam negros, com um índice pouco maior para pretos (variação de 36%) do que para pardos (variação de 26,8%). Na população em 2000, os negros representavam 44,7% e em 2010, 50,1% do universo. O censo de 2010 é o primeiro em que a população negra supera a população branca. Segundo Cunha (2012):

Este fenômeno pode ser atribuído tanto a um diferencial de fecundidade – a taxa de fecundidade global das mulheres negras é de 2,1 e das brancas 1,6 filhos por mulher, no nível de reposição dos dois grupos -, e/ou pelo aumento sistemático de população que se autodeclara negra devido a um processo de conscientização da importância de assumir sua própria identidade (Cunha, 2012, p. 3).

Nos resultados para os estudantes de pós-graduação por cor/raça, são os negros que apresentam a maior variação, próximo dos 200%. Apesar desse crescimento, os negros ainda representam minoria entre os pós-graduados brasileiros: 13,2% do total de estudantes em 2000 e 24,9% em 2010.

Na análise por regiões, o crescimento populacional foi maior nas regiões Norte e Centro-oeste, sendo que o Norte apresenta a maior ampliação no número de estudantes, com um crescimento de 165,4%. Esta alteração pode ser compreendida pelos programas de descentralização dos cursos de pós-graduação propostos pelo governo federal.

O envelhecimento da população e a diminuição na taxa de fecundidade podem ser observados no crescimento geral da população: decréscimo no grupo de 0 a 17 anos de 7,7% e aumento para o grupo de mais de 60 anos, em 41,6%. No grupo de estudantes nas faixas etárias dos 18 a 24 anos, o percentual de crescimento foi de 117,5%; enquanto na faixa etária dos 25 a 34 anos o crescimento foi de 57,6%, com um aumento percentual de 44,9% em 2000 para 45,1% em 2010. A faixa etária de 18 a 24 anos compreende 59,3% dos estudantes e merecerá adiante uma análise em separado.

4.2 Informações Censo 2010 por sexo e cor/raça

A tabela 1 apresenta informações separadas para mestrado e doutorado para o ano de 2010, por cor, com dados desagregados para pretos e pardos e distribuídos por sexo.

Tabela 1: Estudantes na pós-graduação (mestrado ou doutorado), por sexo e cor/raça, Brasil - IBGE 2010.

Sexo/ cor/raça	Frequência à pós-graduação				Total		Geral na população	
	Mestrado		Doutorado					
	N	%	N	%	N	%	N	%
Homens brancos	58.834	74,1	28.346	75,6	87.180	74,6	43.426.738	47,2
Homens pretos	3.351	4,2	1.724	4,6	5.075	4,3	7.440.222	8,1
Homens pardos	17.180	21,6	7.429	19,8	24.609	21,1	41.148.215	44,7
Homens negros*	20.531	25,9	9.153	24,4	29.684	25,4	48.588.437	52,8
Total homens	79.365	67,9	37.499	32,1	116.864	46,5	92.015.175	100,0
Mulheres brancas	69.137	72,9	30.601	79,0	99.738	74,7	47.194.337	49,3
Mulheres pretas	4.652	4,9	1.340	3,5	5.992	4,5	6.910.914	7,2
Mulheres pardas	21.061	22,2	6.810	17,6	27.871	20,9	41.671.834	43,5
Mulheres negras*	25.713	27,1	8.150	21,0	33.863	25,3	48.582.748	50,7
Total mulheres	94.850	71,0	38.751	29,0	133.601	53,4	95.777.085	100,0
Total Brancos	127.971	73,5	58.947	77,3	186.918	74,6	90.621.075	48,3
Total Negros*	46.244	26,5	17.303	22,7	63.547	25,4	97.171.185	51,7
Total **	174.215	69,6	76.250	30,4	250.465	100,0	187.792.260	100,0

Fonte: Microdados do Censo Demográfico 2010.

*negros: soma de pretos e pardos; ** excluídos os amarelos e os sem indicação de cor.

Se na população geral, brancos e negros, homens e mulheres estão próximos da paridade, o mesmo não é observado para os estudantes na pós-graduação no quesito cor/raça: 74,6% são brancos e 25,4% são negros no total na pós-graduação. Na análise comparativa entre pretos e pardos a proporção é mantida: tem-se um preto para cada 5,7 pardos na população e um preto para cada 4,7 pardos no grupo de estudantes na pós-graduação.

Na análise por sexo e cor alguns aspectos podem ser ressaltados. No mestrado há, proporcionalmente, mais homens brancos (74,1%) do que mulheres brancas (72,9%) e mais mulheres negras (27,1%) do que homens negros (25,9%). Porém, no doutorado há uma inversão para os negros, proporcionalmente, há mais homens negros (25,4%) do que mulheres negras (25,3%), apesar de no número bruto, ter-se mais mulheres negras (33.863) do que homens negros (29.684). Esta diferença deve-se ao percentual de cada grupo no conjunto estudantes por sexo e cor/raça.

Além disso, é possível observar que as mulheres já são maioria tanto nos cursos de mestrado (54,4% contra 45,5% de homens) como nos de doutorado (50,8% contra 49,2% de homens) em 2010.

A tabela 2 apresenta informações por faixa etária dos estudantes, sexo e cor/raça. São apresentadas duas colunas com porcentagens: a primeira em relação ao total por sexo e cor/raça (último conjunto de linhas); e a segunda em relação ao grupo específico de sexo e cor/raça (linhas com totais intermediários).

Tabela 2: Estudantes na pós-graduação (mestrado ou doutorado), faixa etária por sexo e cor/raça, Brasil - IBGE 2010.

Sexo/cor/raça	Faixa etária	Frequência à pós-graduação					
		Mestrado			Doutorado		
		N	%*	%**	N	%*	%**
Homens brancos	18 a 34 anos	35.762	32,8	60,8	13.848	35,1	48,9
	35 a 49 anos	16.667	34,0	28,3	9.623	37,4	33,9
	50 anos e mais	6.406	39,4	10,9	4.875	44,2	17,2
	Total	58.834	33,8	100,0	28.346	37,2	100,0
Homens negros	18 a 34 anos	12.781	11,7	62,2	4.842	12,3	52,9
	35 a 49 anos	6.369	13,0	31,0	3.244	12,6	35,4
	50 anos e mais	1.380	8,5	6,7	1.067	9,7	11,7
	Total	20.530	11,8	100,0	9.153	12,0	100,0
Mulheres brancas	18 a 34 anos	44.320	40,7	64,1	16.492	41,7	53,9
	35 a 49 anos	18.600	37,9	26,9	10.022	39,0	32,8
	50 anos e mais	6.216	38,2	9,0	4.086	37,0	13,4
	Total	69.136	39,7	100,0	30.601	40,1	100,0
Mulheres negras	18 a 34 anos	16.063	14,7	62,5	4.322	10,9	53,0
	35 a 49 anos	7.380	15,1	28,7	2.822	11,0	34,6
	50 anos e mais	2.270	14,0	8,8	1.006	9,1	12,3
	Total	25.713	14,8	100,0	8.150	10,7	100,0
Total	18 a 34 anos	108.926	100,0	62,5	39.504	100,0	51,8
	35 a 49 anos	49.016	100,0	28,1	25.711	100,0	33,7
	50 anos e mais	16.272	100,0	9,3	11.034	100,0	14,5
	Total	174.213	100,0	100,0	76.250	100,0	100,0

Fonte: Microdados do Censo Demográfico 2010.

*% calculada em relação ao total de sexo e cor/raça.

** % calculada para cada grupo de sexo e cor/raça.

O ingresso na pós-graduação tende a ser sequencial às outras etapas anteriores de escolarização. Independentemente do sexo e cor/raça, a maior parcela dos estudantes na pós-graduação (mestrado e doutorado) concentram-se na faixa etária dos 18 a 34 anos. Não se observam diferenças relevantes na distribuição interna para cada grupo de sexo e

cor/raça: no mestrado a faixa etária predominante (18 a 34 anos) agrega mais de 60,0% dos estudantes para os quatro grupos; no doutorado, este índice é próximo dos 50,0%. Para o doutorado, observa-se também uma presença um pouco maior de estudantes na faixa etária *50 anos e mais* no comparativo com o mestrado. Pode-se supor que a ampliação da pós-graduação, na última década, tenha incentivado o retorno de pessoas mais velhas aos espaços acadêmicos de formação.

Outra análise relevante refere-se à distribuição desses quatro segmentos por faixas de renda⁵.

Tabela 3: Estudantes de pós-graduação, faixa de renda domiciliar (salário mínimo) per capita por sexo e cor/raça – Brasil 2010.

Sexo/cor/raça	Faixa de renda	Frequência à pós-graduação				Total		Geral na população	
		Mestrado		Doutorado					
		N	%	N	%	N	%	N	%
Homens brancos	Até 1/2 SM	2.252	3,8	1.201	4,3	3.453	4,0	10.146.389	23,5
	de 1/2 a 1 SM	2.582	4,4	776	2,8	3.358	3,9	11.079.334	25,6
	de 1 a 2 SM	7.490	12,8	2.441	8,7	9.931	11,4	11.172.964	25,9
	mais de 2 SM	46.338	79,0	23.798	84,3	70.136	80,7	10.822.493	25,0
	Total	58.662	100,0	28.216	100,0	86.878	100,0	43.221.180	100,0
Homens negros	Até 1/2 SM	1.255	6,1	599	6,6	1.854	6,3	21.353.736	44,2
	de 1/2 a 1 SM	1.672	8,2	397	4,4	2.069	7,0	13.976.433	28,9
	de 1 a 2 SM	3.595	17,6	1.201	13,2	4.796	16,3	8.653.065	17,9
	mais de 2 SM	13.891	68,0	6.885	75,8	20.776	70,4	4.332.823	9,0
	Total	20.413	100,0	9.082	100,0	29.495	100,0	48.316.057	100,0
Mulheres brancas	Até 1/2 SM	3.037	4,4	1.139	3,7	4.176	4,2	11.109.828	23,6
	de 1/2 a 1 SM	3.386	4,9	1.041	3,4	4.427	4,4	12.244.143	26,0
	de 1 a 2 SM	10.127	14,7	2.961	9,7	13.088	13,1	12.017.700	25,5
	mais de 2 SM	52.544	76,0	25.370	83,2	77.914	78,2	11.722.827	24,9
	Total	69.094	100,0	30.511	100,0	99.605	100,0	47.094.498	100,0
Mulheres negras	Até 1/2 SM	1.443	5,6	364	4,5	1.807	5,3	22.024.456	45,4
	de 1/2 a 1 SM	2.905	11,3	416	5,1	3.321	9,8	14.157.905	29,2
	de 1 a 2 SM	5.595	21,8	1.568	19,3	7.163	21,2	8.203.457	16,9
	mais de 2 SM	15.730	61,3	5.773	71,1	21.503	63,6	4.130.773	8,5
	Total	25.673	100,0	8.121	100,0	33.794	100,0	48.516.591	100,0
Total	Até 1/2 SM	7.999	4,6	3.320	4,4	11.319	4,5	65.211.956	34,7
	de 1/2 a 1 SM	10.632	6,1	2.670	3,5	13.302	5,3	51.591.298	27,4
	de 1 a 2 SM	26.823	15,4	8.171	10,7	34.994	14,0	40.115.762	21,3
	mais de 2 SM	128.686	73,9	61.923	81,4	190.609	76,2	31.047.942	16,5
	Total	174.140	100,0	76.084	100,0	250.224	100,0	187.966.958	100,0

Fonte: Microdados Censo Demográfico 2010 – IBGE.

Variável de renda utilizada: V6532 – rendimento domiciliar per capita em julho de 2010, em número de salários mínimos.

⁵ Para a análise da variável renda devem-se considerar as dificuldades para a obtenção e a confiabilidade das informações prestadas.

A análise por renda para o total da população indica de forma bastante clara as distâncias sociais entre brancos e negros. Enquanto para os brancos a distribuição se mostra equilibrada (perto de 25% para cada grupo), para os negros: 44,2% dos homens e 45,4% das mulheres concentram-se na faixa mais baixa de renda (até ½ salário mínimo); no contraponto: 9,0% dos homens negros e 8,5% das mulheres negras estão na maior faixa de renda (acima de dois salários mínimos).

Os alunos que frequentam o doutorado concentram-se nas faixas de renda mais altas (acima de dois salários mínimos) independentemente do sexo ou cor/raça. Este resultado está de acordo com as discussões encontradas na literatura que relacionam renda à escolaridade. (HENRIQUES, 2001; BARROS e MENDONÇA, 1995; RAMOS e VIEIRA, 2001, entre outros). Como consequência da própria distribuição de renda no total da população, os estudantes negros estão mais presentes nas faixas de renda mais baixas: enquanto 8,6% das estudantes brancas tem renda até um salário mínimo, este índice chega a 15,1% para as estudantes negras; no caso dos estudantes homens, os brancos representam 7,9% do total de pós-graduandos na primeira faixa de renda, enquanto os negros alcançam 13,3% de representação.

A tabela 4 apresenta informações sobre a distribuição por sexo e cor/raça para as categorias administrativas de frequência à pós-graduação: pública ou particular.

Tabela 4: Estudantes de pós-graduação, categoria administrativa que frequenta, por sexo e cor/raça - Brasil 2010.

Frequência à pos-graduação		Homens brancos		Homens negros		Mulheres brancas		Mulheres negras		Total*	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Mestrado	Pública	30.369	51,6	11.621	56,6	36.007	52,1	13.730	53,4	93.612	52,7
	Particular	28.465	48,4	8.909	43,4	33.130	47,9	11.982	46,6	83.860	47,3
	Total	58.834	67,5	20.530	69,2	69.137	69,3	25.712	75,9	177.472	69,5
Doutorado	Pública	20.067	70,8	6.572	71,8	21.206	69,3	5.383	66,0	54.279	69,8
	Particular	8.280	29,2	2.581	28,2	9.394	30,7	2.767	34,0	23.484	30,2
	Total	28.347	32,5	9.153	30,8	30.600	30,7	8.150	24,1	77.763	30,5
Total	Pública	50.436	57,9	18.193	61,3	57.213	57,4	19.113	56,4	147.891	57,9
	Particular	36.745	42,1	11.490	38,7	42.524	42,6	14.749	43,6	107.344	42,1
	Total	87.181	34,2	29.683	11,6	99.737	39,1	33.862	13,3	255.235	100,0

Fonte: Microdados Censo Demográfico 2010 – IBGE.

*Total inclui os amarelos, indígenas e sem declaração de cor.

Enquanto no mestrado há um equilíbrio entre o número de alunos matriculados em instituições públicas e particulares, no doutorado a predominância é das instituições públicas. Na distribuição por sexo e cor/raça sobressai o resultado para os negros: enquanto os homens apresentam o maior índice para as públicas, com 71,8% de participação; as mulheres apresentam o menor valor, 66,0%. A compreensão dessa diferença passa pela distribuição por carreiras e cursos de formação para os homens, as mulheres, os brancos e os negros.

4.3. Censo 2010 – Taxa líquida de matrícula

A tabela 5 apresenta informações sobre a taxa líquida de matrícula⁶ (TLM) para a graduação e a taxa de frequência na pós-graduação, considerando a faixa de idade de 18 a 34 anos.

Tabela 5. Estudantes de graduação e pós-graduação, taxa líquida de matrícula (18 a 24 anos e 25 a 44 anos) por sexo e cor - Brasil 2010

Sexo/ cor/raça	Taxa líquida de matrícula - graduação (18 a 24 anos) - %	Taxa líquida de matrícula - pós - graduação (18 a 34 anos) - %	
		Mestrado	Doutorado
Homem branco	17,5	0,28	0,11
Homem negro	6,4	0,08	0,03
Total homem**	11,3	0,17	0,07
Mulher branca	21,7	0,33	0,12
Mulher negra	9,5	0,11	0,03
Total mulher**	15,1	0,21	0,07
Total branca	19,6	0,31	0,12
Total negra	7,9	0,09	0,03
Total	13,2	0,20	0,07

Fonte: Microdados Censo Demográfico 2010 – IBGE.

** Total por sexo incluindo todos os estudantes.

A apresentação do indicador de TLM para a graduação permite considerar que parte das diferenças encontradas na pós-graduação são construídos nos diferentes percursos

⁶ Taxa líquida de matrícula: número de alunos, na faixa etária entre 18 a 24 anos, matriculados em determinado nível de escolarização, expresso como porcentagem da população total para a faixa etária considerada.

(de acesso e permanência) por sexo e cor/raça na graduação, se não na própria educação básica, como apresentado na literatura. Na análise da TLM na graduação a diferença por sexo é de 3,8 pontos favorável às mulheres. No comparativo por cor/raça, a diferença é bem maior: apenas 7,9% dos negros frequentam o ensino superior na idade adequada para 19,6% de brancos.

De forma geral, todos os indicadores de participação na pós-graduação, independentemente do recorte por sexo e/ou cor/raça, considerando a faixa de idade de 18 a 34 anos, são muito baixos. A melhor taxa é encontrada para as mulheres brancas no mestrado, com 31 para cada 10.000 mulheres brancas na mesma faixa etária. O pior resultado é encontrado para os negros, homens e mulheres no doutorado, para os quais são encontrados três doutorandos para cada 10.000 negros.

5. Considerações finais

A pós-graduação no Brasil ainda é de acesso restrito. Quando se avalia esta etapa da educação, a partir das variáveis sexo e cor/raça, as diferenças se intensificam.

Se as mulheres apresentam melhores indicadores educacionais desde a educação básica (ROSEMBERG, 1990; ROSEMBERG, 2001; CARVALHO, 2004; ARTES e CARVALHO, 2010) este sucesso se mantém e se expande na análise de informações de pós-graduandos para os dois censos analisados. As diferenças por cor/raça são mais “marcantes”. Os piores indicadores para os negros na educação básica se refletem e aprofundam na baixa representatividade na pós-graduação.

Como as políticas de ação afirmativa, implantadas na última década, vão alterar a participação por cor/raça nas etapas mais elevadas da escolarização, é questão a ser acompanhada e verificada nos próximos levantamentos estatísticos.

Os dados, apresentados de forma descritiva e preliminar nesse trabalho, levantam hipóteses que devem ser verificadas, tanto a partir de outros estudos quantitativos, com a utilização de técnicas estatísticas apropriadas; como a partir de pesquisas qualitativas, que captem os processos de ingresso e as diferentes formas de ocupação por homens e mulheres, brancos e negros do espaço da pós-graduação brasileira.

Outro aspecto a ser explorado em estudos futuros é a verificação da eficácia dos programas de ação afirmativa na graduação, presentes há quase uma década no ensino superior brasileiro e a sua influência na produção de candidatos à pós-graduação.

6. Referências Bibliográficas

- ARTES, Amélia, Cristina, Abreu; CARVALHO, Marília, Pinto. O trabalho como fator determinante da defasagem escolar dos meninos no Brasil: mito ou realidade? *Cadernos Pagú*, v. 34, n. 0. Campinas, jan.-jun. 2010, p.41-47.
- BARROS, R. P. e MENDONÇA, R. S. P. *Os determinantes da desigualdade no Brasil*. Rio de Janeiro, IPEA, 1995. (Texto para Discussão n.º 377)
- BELTRÃO, Kaizo; TEIXEIRA, Moema de P. *O vermelho e o negro: raça e gênero na universidade brasileira – uma análise da seletividade das carreiras a partir dos censos demográficos de 1960 a 2000*. Texto para discussão, RJ, IPEA, outubro de 2004.
- CARVALHO, Marília. Quem são os meninos que fracassam na escola?. *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v. 34, n. 121, p. 11-40, 2004.
- BRASIL, *Plano Nacional de Pós-graduação (PNPG) 2011-2020* Ministério da Educação, Brasília, dez. 2010.
- _____, *Plano Nacional de Pós-graduação (PNPG) 2005-2010* Ministério da Educação, Brasília, dez. 2004.
- CGEE, *Doutores 2010: Estudo da demografia da base técnico-científica brasileira* – Brasília, DF, Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2010.
- CUNHA, Estela Maria Garcia de Pinto. O Brasil está reduzindo suas disparidades raciais. *XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, novembro de 2012.
- FERES JR, João (org). *Ação afirmativa no ensino superior brasileiro hoje: análise de desenho institucional 2011*. Gemaa – Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa IESP/UERJ, 2011.
- HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- HENRIQUES, Ricardo. Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. *Textos para discussão*, n. 807, Rio de Janeiro, , IPEA, 2001.
- MANCEBO, Deise; SILVIA JR João dos Reis; OLIVEIRA, João Ferreira.(org) *Reformas e Políticas; educação superior e pós-graduação no Brasil*. Alínea, 2008.
- MELO, Hildete Pereira; LASTRES, Helena Maria Martins; MARQUES, Teresa Cristina Novaes. Gênero no sistema de ciências, tecnologia e inovação no Brasil. *Revista Gênero*, v. 1, 2004.
- MOEHLECKE, Sabrina. Ação Afirmativa: histórias e debates no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, p. 197-217, nov. 2002.

PACHECO, Consuelo. Sistema de Equidade de Gênero e Comissão Nacional de Investigação Científica e Tecnológica do Chile. *Pensando gênero e ciência. 2º Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisa*. Brasil, Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010.

PAIXÃO, Marcelo (Org). *Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil: 2009-2010*, UERJ, 2010.

____ La Variable color o raza em los censos demográficos brasilenos: historia y estimación reciente de las assimetrias. *Notas de Población*, n. 89, dez. 2009.

RAMOS, Lauro; VIEIRA, Maria Lúcia. *Desigualdades de rendimentos no Brasil nas décadas de 80 e 90; evolução e principais determinantes*, Rio de Janeiro, IPEA, 2001 (texto para discussão n. 803).

RAMOS, Milena Yumi; VELHO, Lea. Formação de doutores no Brasil e no exterior: impactos na propensão a migrar. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 32, n. 117, p. 933-951, out-dez. 2011.

ROSEMBERG, Fúlvia; MADSEN, Nina., Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo, in BARSTED, Leila L; PITANGUY, Jacqueline. *O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010* / Rio de Janeiro: CEPIA ; Brasília: ONU Mulheres, 2011. p. 390-424.

____ O Branco no IBGE continua branco na ação afirmativa. *Estudos Avançados*, 18 (50), 2004

____ Educação Formal, Mulher e Gênero no Brasil Contemporâneo, *Estudos Feministas*, ano 9. p. 515-541, 2o sem. 2001.

____ et all, *Mulher e educação formal no Brasil: estado da arte e bibliografia*, Brasília: INEP/REDUC, 1990

SILVA, Adalton; SILVA, Josenilton; ROSA, Waldemir, Juventude Negra e Educação Superior, in: CASTRO, Jorge (org) *Juventude e políticas sociais no Brasil*, IPEA, 2009.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Ação afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil, *Cadernos de Pesquisa*, 117, nov. 2002, p. 219-246.

VALLE, Nelson; Carlos, HASENBALG. *Tendências da desigualdade educacional no Brasil. Dados*, vol.43, n.3, p.423-445, 2000.